

# Prefácio

## *Pinóquio – Uma história picaresca sobre a passagem à idade adulta*

**D**evem ser muito poucas as pessoas que ainda não conhecem as aventuras do endiabrado boneco Pinóquio. Mas estou convencido de que a maior parte só as deve conhecer a partir das versões simplificadas das coleções para crianças ou mais ainda a partir do filme de animação da Walt Disney, que, aliás em grande parte, distorce (ou censura) a versão original de Carlo Collodi.

As verdadeiras aventuras de Pinóquio foram publicadas pela primeira vez, em episódios, num suplemento infantil semanal de um jornal diário italiano ao longo de três anos, de 1881 a 1883. Este formato particular, em episódios, traduz-se no uso de pequenos capítulos, ricos em peripécias, e quase sempre terminando de forma inesperada, ou com uma pergunta destinada a manter intacto o interesse dos leitores até à semana seguinte. O autor tinha imaginado uma história que acabaria ao fim de 15 capítulos, com o Pinóquio enforcado num carvalho, como castigo das suas tropelias

e desobediência. Mas foi tal a indignação e tantos os protestos dos pequenos leitores que seguiam as aventuras do boneco, que se viu forçado a prolongar a vida do protagonista e da história até aos atuais 36 capítulos.

Não há dúvida de que o estilo ditado pelos breves e intensos capítulos contribuiu muitíssimo para o sucesso da história, mas também é importante em igual medida o seu estilo coloquial, quase familiar, a fazer lembrar os contadores de histórias tradicionais. Essa oralidade, digamos assim, é conseguida através do recurso a expressões populares, de uso corrente, a perguntas e interpelações diretas aos leitores, como se de ouvintes se tratasse, captando o seu interesse.

Isso não significa, no entanto, que o autor tenha procurado simplificar a sua linguagem para a tornar supostamente acessível a um público infantil. Efetivamente, não foi esse o caminho seguido por Carlo Collodi. Em vez de tentar «descer» ao nível da pouca idade dos seus leitores, a narração usa uma linguagem por vezes literariamente elaborada e rigorosa. Este estilo exigente e sem concessões paternalistas alia-se ainda ao recurso frequente a expressões e termos do dialeto da Toscana. Compreende-se que assim seja se pensarmos que era essa a terra natal do autor e que, por outro lado, o italiano, tal como hoje o conhecemos, só há pouco tempo se tinha tornado na língua oficial do Estado italiano. Estado esse, aliás, que também só existia há 20 anos na altura em que *As Aventuras de Pinóquio* começaram a ser publicadas. Antes disso, a Itália era um conjunto de pequenos estados submetidos a potências estrangeiras, onde se falavam diferentes idiomas.

Essa relação particular entre o dialeto regional e a língua italiana é uma das maiores dificuldades com que se defrontou a tradução que aqui proponho, por naturalmente não a poder reproduzir à letra. Como solução para seguir o mais fielmente possível as palavras do autor, optei por um vocabulário que, de certo modo, pudesse aproximar-se desse aspeto do original. Daí o recurso a certas expressões de sabor popular, às vezes a regionalismos, com ecos de uma linguagem datada, associada a uma realidade social que deixou de existir e que lentamente foi sendo substituída por outra dominante.

Os obstáculos que a escrita de Collodi poderia criar à leitura não impediram a imensa popularidade que o livro conheceu logo de início. O que o torna irresistível é a rápida sucessão das aventuras do boneco Pinóquio, as mil e uma trapalhadas que experimenta, as suas sucessivas tropelias. Aliás, estou convencido de que o sucesso da história se deve (quer ontem quer hoje) ao espírito traquinas, irreverente, rebelde do cruel boneco, mais do que aos propósitos edificantes e moralistas da fábula. É muito provável que os pequenos leitores (quer ontem quer hoje) mais depressa tomem como modelo o Pinóquio de espírito livre (e também generoso, confiado e confiante), do que o Pinóquio sujeito à lei do trabalho e do estudo, obediente, responsável e... um tanto sem graça.

A verdadeira história de Pinóquio, um «boneco» nascido num mundo que não foi feito para ele e a que não está adaptado, é de certa maneira a história da passagem à idade adulta, dos obstáculos a serem vencidos pela «criança-boneco» para poder transformar-se num verdadeiro rapaz

de carne e osso, ou seja, no cidadão responsável que os propósitos moralistas do livro apontam.

Que essa história se tenha tornado num enorme sucesso popular só se pode explicar devido ao efeito provocado pela rebeldia de tais propósitos. Os defeitos do herói, que supostamente ele deveria corrigir, antes o transformam num verdadeiro «anti-herói», que rapidamente cativa o que há de aventureiro e insubmisso nos espíritos infantis ainda não moldados pelas imposições da norma e da conformidade social.

Apesar das promessas de emenda a cada desventura por que passa, o Pinóquio acaba sempre por procurar escapar às rédeas e aos limites que lhe impõem a Fada, o Pai Geppetto e o Grilo-Falante, de certo modo os representantes do mundo adulto. E paga a sua rebeldia com novos castigos que possivelmente soam aos ouvidos dos seus leitores como outras tantas aventuras em territórios por desbravar. Para escapar às prisões do mundo, o Pinóquio arrisca-se a servir de lenha para assar um borrego, é roubado, tem de servir de cão de guarda à capoeira de um camponês, quase é frito numa frigideira juntamente com os peixes apanhados por um terrível pescador, e até se vê transformado em burro, com orelhas, cauda e tudo. Os próprios elementos lhe são hostis: tempestades tremendas, com chuva, vento, ondas gigantescas, naufrágios, e obstáculos constantes à sua fome de liberdade. E também isso, perversamente, vai ao encontro da fantasia e do gosto pelas situações rocambolescas dos pequenos leitores (e quem sabe se não do próprio Collodi...).

É muito possível que seja precisamente o que há de rebelde e de aventureiro em Pinóquio que pode explicar a universalidade de uma história escrita em meados do século XIX numa região da Itália recém-unificada, que foi já traduzida para mais de duas centenas de línguas e é ainda hoje popular em praticamente todas as partes do mundo.

*J. L.*

*Como aconteceu ao Mestre Cereja,  
carpinteiro, encontrar um pedaço de madeira  
que chorava e ria como uma criança.*

— **E**ra uma vez...  
— Um rei! — dirão logo os meus caros  
e queridos pequenos leitores.

— Não, meninos, estão muito enganados. Era uma vez  
um pedaço de madeira.

Não era nenhuma madeira preciosa, mas sim uma  
simples acha, daquelas que no inverno se põem nas sala-  
mandras e nas lareiras para acender o lume e aquecer a  
casa.

Não sei como aconteceu, mas o facto é que um belo dia  
este pedaço de madeira foi parar à oficina de um velho  
carpinteiro, que tinha por nome Mestre António, mas a  
quem todos chamavam Mestre Cereja, por causa da ponta  
do nariz sempre luzidia e corada, como uma cereja madura.  
Foi uma alegria para o Mestre Cereja ao pôr os olhos  
naquele pedaço de madeira; e, enquanto esfregava as  
mãos de contente, murmurou para si próprio: «Vem mesmo

a calhar este pedaço de madeira; vai-me servir para fazer uma perna de mesa.»

Meu dito, meu feito, pegou imediatamente na acha afilada para lhe tirar a casca e a aplinar; mas quando ia a desferir a primeira machadada, ficou de braço parado a meio, ao ouvir uma vozinha fininha, que lhe dizia implorativa:

— Não me batas com tanta força!

Imaginaí como ficou o bom do velho Mestre Cereja!

Lançou um olhar espantado a toda a volta para ver de onde poderia vir aquela vozinha, e não viu ninguém! Espreitou debaixo do banco: ninguém; foi ver dentro de um armário que estava sempre fechado: ninguém; foi ver o cesto das aparas e da serradura: ninguém; abriu a porta da oficina para dar uma olhada à rua: ninguém. Mas que vem a ser isto?

— Já percebi — disse ele então, rindo-se e coçando a peruca —, está-se mesmo a ver que aquela vozinha foi imaginação minha. Toca a voltar ao trabalho.

E empunhando de novo o machado, desferiu um valentíssimo golpe no pedaço de madeira.

— Ai! Magoaste-me! — choramingou a mesma vozinha com um grito.

Desta vez o Mestre Cereja ficou assarapantado, com os olhos a saltarem-lhe das órbitas com o medo, de boca escancarada e língua pendurada até ao queixo, como uma daquelas carantonhas de pedra dos fontanários.

Assim que recobrou a fala, começou a tremer e a balbuciar de terror:

— Mas de onde terá saído esta vozinha que disse *ai*? Aqui não há ninguém. Será que este pedaço de madeira aprendeu a chorar e a lamentar-se como uma criança? Não posso acreditar. Aqui está o pedaço de madeira; uma acha de lenha para a lareira, igual a todas as outras, boa para queimar, para cozinhar uma panela de feijões... Mas que é isto? Será que tem alguém escondido lá dentro? Se está lá alguém escondido pior para ele. Já lhe trato da saúde!

E dizendo isto, agarrou com as duas mãos aquele pobre pedaço de madeira, e desatou a desancá-lo sem piedade contra as paredes da oficina.

Depois pôs-se à escuta, a ver se ouvia alguma vozinha a queixar-se. Esperou dois minutos, e nada; cinco minutos, e nada; dez minutos e nada!

— Já percebi — disse então, esforçando-se por se rir e esfregando a peruca —, está-se mesmo a ver que aquela vozinha que disse *ai*, foi imaginação minha. Toca a voltar ao trabalho.

Mas como estava já dominado por um grande medo, pôs-se a cantarolar para ganhar um pouco de coragem. Ao mesmo tempo, pondo de lado o machado, pegou na plaina, para aplainar e alisar o pedaço de madeira; mas ao passar a plaina para cima e para baixo, ouviu a mesma vozinha que lhe dizia a rir-se:

— Para com isso! Estás-me a fazer cócegas no corpo todo!

Desta vez o pobre do Mestre Cereja caiu no chão como que fulminado. Quando reabriu os olhos, deu por si sentado no chão.

Tinha uma expressão descomposta, e mesmo a ponta do nariz, de corada como quase sempre estava, tinha-se tornado azul, tão grande era o medo.

## II

*O Mestre Cereja oferece o pedaço de madeira ao seu amigo Geppetto, que o aceita para fazer com ele um boneco maravilhoso, capaz de dançar, de fazer de espadachim e de dar saltos mortais.*

**N**esta altura bateram à porta.

— Pode entrar — disse o carpinteiro, sem forças para se pôr em pé.

Então entrou na oficina um velhote todo vivaço, que tinha por nome Geppetto; mas os rapazes das vizinhanças, quando queriam fazê-lo ir aos arames, chamavam-no pela alcunha de *Polendina*, por causa da sua peruca amarela, que se parecia muitíssimo com a polenta de farinha de milho.

O Geppetto era extremamente irritadiço. Ai de quem lhe chamasse *Polendina*! Ficava imediatamente como uma fera, e não havia maneira nenhuma de o acalmar.

— Bom dia, Mestr'António — disse o Geppetto. — Que está a fazer aí sentado no chão?

— Estou a ensinar a tabuada às formigas.

— Então bom proveito lhe faça.

— Que o traz por cá, compadre Geppetto?

— As pernas. Pois fique a saber, Mestr' António, que vim cá para lhe pedir um favor.

— Aqui me tem, ao seu serviço — replicou o carpinteiro, soerguendo-se sobre os joelhos.

— Esta manhã veio-me à cabeça uma ideia.

— Sou todo ouvidos.

— Estive a pensar que podia fazer um lindo boneco de madeira, mas um boneco maravilhoso, que saiba dançar, fazer de espadachim e dar saltos mortais. Gostava de dar a volta ao mundo com este boneco, a ganhar o meu naco de pão e um copo de vinho. Que lhe parece?

— Bravo, *Polendina!* — gritou a vizinha de antes, que não se percebia de onde viesse.

Ao ouvir chamarem-lhe *Polendina*, o compadre Geppetto ficou vermelho de raiva como um pimentão, e voltando-se para o carpinteiro, disse-lhe numa voz enfurecida:

— Porque me ofende?

— Quem é que o ofende?

— Chamou-me *Polendina!*

— Não fui eu.

— Daqui a pouco vai-se a ver que fui eu! Pois eu digo que foi você.

— Não!

— Sim!

— Não!

— Sim!

Cada vez mais acalorados, passaram das palavras aos atos, e engalinhados um no outro, desataram a arranhar-se, a morderem-se e a descomporem-se.

Acabada a refrega, o Mestr'António viu-se com a peruca amarela de Geppetto nas mãos, e o Geppetto deu por si com a peruca grisalha do carpinteiro.

— Dá-me a minha peruca! — gritou o Mestr'António.

— E tu dá-me a minha, e façamos as pazes.

Os dois velhotes depois de terem recuperado cada um a sua peruca, apertaram as mãos e juraram serem sempre bons amigos pelo resto da vida.

— E então, compadre Geppetto — disse o carpinteiro a mostrar que as pazes estavam feitas — que favor era esse que me queria pedir?

— Queria um pedaço de madeira para fazer o meu boneco. Não me arranja um?

O Mestr'António, todo contente, foi logo buscar à bancada de trabalho aquele pedaço de madeira que fora causa de tamanho medo. Mas quando ia entregá-lo ao amigo, o pedaço de madeira com um repelão escapou-se-lhe violentamente das mãos, para ir bater com força nas canelas escanzeladas do pobre Geppetto.

— Ah! E é sempre com esta delicadeza que costuma oferecer alguma coisa, Mestr'António? Quase me ia deixando coxo!...

— Juro-lhe que não fui eu!

— Então se calhar fui eu!...

— A culpa é toda deste pau...

— Que foi o pau sei eu, mas foi você que mo atirou às pernas!

— Não atirei nada!

— Mentiroso!

— Geppetto não me ofenda, senão chamo-lhe *Polendina!*

— Asno!

— *Polendina!*

— Imbecil!

— *Polendina!*

— Macaco asqueroso!

— *Polendina!*

Ao ouvir pela terceira vez chamarem-no de *Polendina*, o Geppetto ficou cego de raiva, atirou-se ao carpinteiro, e desataram os dois à bordoadá.

Acabada a refrega, o Mestr'António tinha mais dois arranhões no nariz, e o outro menos dois botões no colete. Tendo deste modo acertado as contas, apertaram as mãos e juraram serem sempre bons amigos pelo resto da vida.

Com o que Gepetto pegou no seu precioso pedaço de madeira, e depois de agradecer ao Mestr'António, voltou para casa a coxear.